

ALTERAÇÃO TECNOLÓGICA: ORTEGA Y GASSET E A TÉCNICA CONTEMPORÂNEA*

TECHNOLOGICAL ALTERATION: ORTEGA Y GASSET AND THE CONTEMPORARY TECHNIQUE

Victor Renato de Moraes Maia**

RESUMO

O seguinte texto pretende discutir e propor uma reflexão sobre como se estabelece nossa relação com a tecnologia contemporânea. Tendo como base a tese antropológico-filosófica da técnica do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, apresentada em seu ensaio *Meditação da técnica*, pretende-se elucidar nossa atual forma de existência que se dá em um dinamismo com uma circunstância amplamente tecnológica. Temos diante de nós uma circunstância amplamente tecnológica, a qual nos põe em um estado de alteração, ao mesmo tempo que nos afasta do ensimesmamento. Concomitante a isso, pretende-se propor possíveis alternativas para o que acusamos de alteração tecnológica, esta ocasionada pela “técnica da alteração”. Tudo indica que uma vida mais estética, ou seja, buscarmos uma vida mais contemplativa e, concomitância com as artes, pode nos proporcionar uma existência atmosférica, ou seja, mais ensimesmada, pois tal maneira de viver pode nos tirar da alteração tecnológica, ao passo que a arte tem o poder de nos encapsular em seu conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: ensimesmamento; técnica; alteração; Ortega y Gasset; atmosférico.

ABSTRACT

The following text pretends to discuss and propose a reflection about the contemporary relation with contemporary technology we are living with. Taking as principal bases José Ortega y Gasset's thesis about the technique, that the author presents and his essay *Meditação da técnica*, we intend to elucidate our current way of existence, which takes place in a dynamism with a technological circumstance. We have before us a broad technological circumstance, which puts us in an altered state, at the same time that blocks our self-absorption. Concomitant to this, we intend to propose an alternative for what we name here as “alteration technique”. All signs point that a more aesthetical life, being together with art, can give us an atmospheric existence, is to say more self-absorbed, because living that way can withdraw us from the technological alteration that we live in, while art has the power of encapsulating us in it's content.

KEYWORDS: self-absorbed; technique; alteration; Ortega y Gasset; atmospheric.

* Artigo recebido em 31/10/2023 e aprovado para publicação em 22/12/2023.

** Doutorando em Filosofia pela Universidad de Castilla-La Mancha (UCLM). Mestre em Investigação em Humanidades, Cultura e Sociedade pela UCLM. E-mail: victor.ufsc@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Nossa presente circunstância se apresenta como um mundo maquinal, tecnológico e amplamente vigiado. A matematização e a monetização das amplas esferas possíveis de vivências e relações humanas avançam como nunca antes imaginado, ao mesmo tempo que se concentram no ambiente online, cada vez mais limitadas e afuniladas por um dispositivo tecnológico (o *smartphone* ou, se preferir, o computador de bolso) que, compulsivamente, manuseamos a todo instante. Tal dispositivo tecnológico que sempre está à mão ou, quando distante, em nossos bolsos.

A tríade *trabalho, dinheiro e consumo* configura nosso modo de existência, dando a esse modo peculiar de estar e lidar com mundo uma mesma configuração padronizada que abarca a maioria das regiões geográficas do globo terrestre. Essa tríade também se concentra no dispositivo que compulsivamente manuseamos, ao mesmo tempo que por meio dele os seres humanos conseguem monetizar as tragédias, atrocidades, banalidades e diversas incautas atitudes humanas. Com tal dispositivo podem filmar, replicar e compartilhar.

Trata-se de uma existência em alteração, conceito este elaborado pelo filósofo José Ortega y Gasset para designar um dos três estágios no qual o ser humano lida com sua circunstância. Em alteração, somos levados pela circunstância, agindo de forma irracional, apenas respondendo aos estímulos externos, sem uma prévia reflexão, ou seja, sem ensimesmamento.

No trabalho, despercebidamente, está incluso também o lazer, que nada mais é do que uma parte do trabalho em que pensamos nos distanciar deste pelo consumo, em que há a reposição das energias que serão novamente gastas em um novo ciclo de trabalho. O lazer é apenas uma pequena pausa dentro do tempo do trabalho.

O dinheiro é o que nos autoriza a consumir durante a pausa que disponibilizamos antes e depois de um trabalho exaustivo e degradante. Ele nos possibilita um consumo como uma falsa fuga dessa existência alterada.

Tudo isso é compilado por uma tecnologia que nos cerca. Por meio dos algoritmos, somos impelidos a permanecer alterados mediante ao bombardeio de propagandas em suas diversas formulações, maquiadas por informações, verdadeiras ou falsas, que nos impelem a consumir algo de que não precisamos e que não queremos.

Consomem-se também imagens, vídeos curtos e aleatórios sem propósito algum ou qualquer ligação lógica. Cada *like* de um usuário é como se fosse um pagamento com seus

dados por aquilo que o altera. A sobreposição de imagens, vídeos curtos e impropérios, considerados “criativos”, aumenta a construção de uma sociedade em estado “zumbiótico”, totalmente alterado pela técnica.

Apesar do cenário desolador, e aqui não temos a pretensão em sermos apocalípticos, mas sim apenas descrever alguns traços de nosso cenário social patológico, a Arte em sua forma mais “atmosférica”¹ mostra-se como uma possível saída à patologia tecnológica de nossos tempos. Buscando nas estéticas de Ortega y Gasset e de outros importantes autores do século XX, poderíamos entender a arte como não somente uma manifestação superior de nossos sentimentos, mas como certo antídoto ao que chamamos aqui de alteração tecnológica na qual vivemos.

Caberia, então, tentarmos entender como se dá nossa relação atual com a tecnologia. Para isso, devemos tomar como base a tese orteguiana sobre a técnica, o que possibilitaria inicialmente entendermos os diferentes estágios da técnica no decorrer da história humana conforme postulados por Ortega. Isso nos levaria a compreender que seja muito provável estarmos vivendo em um novo estágio da técnica, simbolizado pela relação inédita que temos com técnicas avançadas como, por exemplo, os algoritmos das redes sociais.

1 OS ESTÁGIOS DA RELAÇÃO DO SER HUMANO COM SUA CIRCUNSTÂNCIA EM J. ORTEGA Y GASSET

Em seu ensaio *Ensimesmamento e alteração*², o filósofo espanhol José Ortega y Gasset distingue os três estágios de como se dá nossa relação com o entorno, ou como ele frequentemente dizia, com nossa circunstância: ensimesmamento, alteração e ação. O que chamamos existência humana configura-se nesses três estágios.

A alteração (*alter-actio*) é o momento quando estamos perdidos e naufragados nas circunstâncias, agindo sem saber o porquê, sempre estimulados, sempre respondendo de forma abrupta a algum estímulo externo. Em alteração, o ser humano “não pode viver voltado para si mesmo, uma vez que encontra-se em perpétua atenção voltada para o mundo (para o que há fora de si)” (Magalhães; Silva; Caldeira, 2018, p. 58).

O ensimesmamento (em-si-mesmo) é o estágio em que nos recolhemos em nós mesmos para formularmos ideias sobre como lidar com o entorno que nos alterou. Somente assim, o

¹ Este conceito orteguiano será elucidado no decorrer deste texto.

² A versão citada neste ensaio pertence ao Livro *O homem e a gente*, de José Ortega y Gasset (1973). Foi publicado em 1939 no livro *Meditação da técnica*.

humano pode submergir de seu interior e agir no mundo, ou seja, executar o estágio que Ortega y Gasset (1973, p. 63) chama a “ação”. A capacidade de ensimesmar é uma característica que nos distingue dos demais seres vivos.

Ortega utiliza esta palavra “ensimesmamento”, a qual sabemos que existe apenas nos idiomas português e espanhol, para designar uma capacidade intelectual dos seres humanos de se abster e evadir do local em que estão em presença. Podemos, por uma habilidade intelectual, sair virtualmente de um ambiente e adentrarmos em nós mesmos. De outro modo, nós humanos temos o privilégio de evadir da dimensão primária de nossa existência e adentrarmos em outra esfera virtual. Nosso “eu” ignora o momento, tempo, matéria e ruídos do mundo primário para adentrar em seus próprios pensamentos, simulações e reflexões. Somos animais que refletem sobre sua própria reflexão.

2 TÉCNICA QUE NOS ALTERA

Ortega y Gasset foi responsável pelo primeiro trabalho sistemático e reflexivo sobre a questão da técnica. No ensaio *Meditação da técnica*, fruto de um curso sobre a questão da técnica ministrado em 1933, na *Universidad de Verano de Santander*, Espanha, o autor faz uma análise filosófico-antropológica sobre a técnica, culminando em teses sobre a historicidade da técnica³. Para Ortega y Gasset (1997, p. 23), a técnica seria “a reforma que o homem impõe à natureza em vista da satisfação de suas necessidades”. Aqui, o autor entende como necessidade não somente as necessidades de sobrevivência, necessidades biológicas, mas também as necessidades de bem-estar que demandam a existência de coisas supérfluas.

Ademais, Ortega y Gasset estabelece que, até então, década de 30 do século XX, houve três estágios da técnica. Esses estágios não foram caracterizados pelo surgimento desse ou daquele artefato; tampouco se caracterizam por algum descobrimento, sistema econômico ou político. O que vai caracterizar cada estágio da técnica é a relação que o ser humano tem com sua técnica, baseada em seu projeto de bem-estar.

O primeiro estágio era o da técnica do azar, exercida pelo ser humano primitivo, quando o azar era técnico e não possuía consciência de sua habilidade. Já o segundo se referia à técnica do artesanato, presente nas civilizações antigas e na maioria do período medieval, quando técnica e obreiro estavam plasmados na figura do artesão, o qual elaborava uma técnica e a executava.

³ Neste artigo, utilizaremos como principal referência sobre a questão da técnica em Ortega y Gasset sua obra intitulada *Meditación de la técnica* (1997). Todas as citações diretas desta obra são traduções nossas.

O terceiro estágio se caracteriza pela técnica do técnico. Aqui, é nítida a consciência que o ser humano adquire de sua habilidade técnica. Há uma divisão entre a elaboração técnica e sua execução. Também se nota a presença da máquina, artefato que age por si. A técnica no terceiro estágio “se converte *sensu stricto* em fabricação” (Ortega y Gasset, 1997, p. 57).

Seguindo a análise histórica de Ortega y Gasset, e levando em consideração seu método para definir os estágios da técnica, a saber, da relação que o ser humano tem com sua técnica, temos indicações de que vivemos em um novo estágio. Assim, seria importante adquirirmos o entendimento sobre nossa atual relação com a técnica, pois a distinção em relação à técnica do terceiro estágio é evidente. Da esfera da produção, a técnica atual parece migrar para outra esfera, proporcionando uma distinta configuração daquela que tínhamos no terceiro estágio. Em outras palavras, a técnica vigente, dos algoritmos computacionais, estabelece um novo tipo de relação com os seres humanos, modificando o que poderíamos chamar de entorno social e vivências quotidianas.

O cientista computacional e escritor Jaron Lanier nos traz um interessante conceito, ao qual intitula máquina “Bummer”. Para o autor, a máquina Bummer seria o acrônimo em inglês que define um conjunto de fatores conhecidos como “Comportamentos de Usuários Modificados e Transformados em um Império para Alugar” (Lanier, 2018, p. 43). Os algoritmos dos sistemas de busca, sites de vídeos e redes sociais são projetados para estudar o perfil psicológico do usuário, separá-los em grupos, manipular suas ações, preferências e desejos enquanto navega, vender esses dados e ter controle e ganhos astronômicos. Aqui, vemos uma clara modificação da relação entre seres humanos e a técnica vigente, a qual não mais está direcionada à produção ou fabricação, mas sim à manipulação do usuário para gerar lucro. Assim, a Bummer tem, como plano de negócio, “retirar seus dados sorrateiramente e ganhar dinheiro com isso” (Lanier, 2018, p. 133).

O propósito dessa manipulação possui várias facetas. Uma delas seria “grudar cada vez mais as pessoas ali e fazê-las passar cada vez mais tempo no sistema” (Lanier, 2018, p. 47). Assim, as pessoas não agiriam por si, e suas ações não seriam fruto de uma prévia reflexão crítica sobre as possibilidades, mas sim agem de forma involuntária, manipuladas a agirem em velocidade e aceleração. Sendo assim, poderíamos afirmar que os seres humanos submergidos no mundo *online*, principalmente os que estão constantemente engajados nas redes sociais e submetidos ao bombardeio das propagandas em suas mais sutis formas elaboradas pelo *marketing* digital, estão *alteradas*.

Essa técnica que denunciemos aqui é elaborada intencionalmente para estabelecer uma relação de domínio que altera, em sentido orteguianos, os seres humanos. Aqui, percebe-se também que a técnica atual proporciona ao ser humano um impedimento ao que Ortega y Gasset chama de ensimesmamento, ou seja, àquilo que nos possibilita reflexão sobre nossas circunstâncias. De acordo com Rodríguez-Ortega (2021, p. 184, tradução nossa),

A técnica se esvazia de conteúdo, perde seu sentido enquanto meio à implantação das possibilidades de realização do processo contínuo que é a vida humana, impossibilitando o ensimesmamento. A técnica deixa de ser a condição que possibilita a existência “humana” e se transforma na causa de sua desumanização⁴.

Isto ocorre porque a técnica atual nos altera a todo tempo, nos manipula e nos adentra para que tenhamos comportamentos que sejam benéficos aos que financiam seu projeto e elaboração dos artefatos que possibilitam suas ações. O projeto de bem-estar de poucos, o qual se resume em obter lucro manipulando muitos, é a gênese de tal técnica.

Ocorre, então, a elaboração de algoritmos que vão constituir o que Lanier chama de máquina Bummer, proporcionando a nós e as máquinas computacionais uma relação de alteração. Sendo assim, poderíamos afirmar que vivemos em um quarto estágio da técnica, caracterizado pela “técnica da alteração” ou “tecnologia da alteração”.

Os artefatos que proporcionam o avanço quase onipresente de tal técnica são os *smartphones*, aparelhos dispositivos que estão sempre acoplados ao nosso corpo, como se fossem um novo órgão, nos predispondo a um estado ciborgue, um objeto quase religioso, no qual concentramos grande parte de nossa esfera existencial. Nesse aparelho temos muito de nossa vida econômica e nossas relações “sociais”. Ao amanhecer, este novo órgão anuncia o momento de levantar e sair ao trabalho. Ao mesmo tempo que me avisa de um compromisso ou reunião. Enquanto isso, o mesmo artefato tecnológico anuncia que devo dar os parabéns a alguém, mesmo não sendo muito próprio. Ali, também tenho a previsão do tempo, o que vai definir o tipo de roupa que tenho que usar. Além disso, os perfis e sugestões que os algoritmos me retornaram já influenciaram as cores e modelos de roupas que devo usar, quiçá o mesmo ocorre ao que comer e onde passar minhas férias. Nada disso foi fruto de uma reflexão e ensimesmamento, estamos agindo conforme estimulados e manipulados por algoritmos.

⁴ La técnica se vacía de contenido, pierde su sentido en cuanto que medio para el despliegue de las posibilidades de realización del proyecto en continuo proceso que es la vida humana, e imposibilita el ensimismamiento. La técnica deja de ser la condición de posibilidad de la existencia «humana» y se transforma en la causa de su deshumanización.

3 SOBRE A NECESSIDADE DE ENSIMESMAR, CONTEMPLAR E DEMORAR-SE

O ensimesmamento é um ato antinatural, pois o natural, principalmente em uma sociedade na qual a vida normal é como descrevemos anteriormente, é dispersar-se, é manter-se alterado. Mas tratando-se de uma possível “natureza humana”, ensimesmar-se é um adentrar em si mesmo que poderia ser considerado natural para nós, ou seja, biologicamente originário. Pensamos que seja por isso que Ortega y Gasset (1997) define nosso ser como sendo um centauro ontológico, meia porção na natureza e meia porção fora dela.

González-Sainz (2021, p. 172) diria que “caminhar em silêncio, estar em silêncio, permite ponderar sobre o que dizem as coisas que se calam [...], permite dar ouvidos ao que habitualmente sepultamos com nosso tagarelar e nosso ruído [...], significa acomodar”. No encontro com as coisas, com as pessoas, ou seja, com o mundo, tomamos posição. Em outras palavras, nos encontros sentimos a presença do que não somos nós. Este sentir a presença do outro nos inclina ao ensimesmamento e, portanto, ao silêncio. É um chamado ao silêncio, pois quando estamos assim recebemos e sentimos melhor o entorno, a circunstância. Ouvir tal chamado, contemplar o entorno e ensimesmar nos permite entender a circunstância. Somente assim poderemos elaborar um plano de ação e existir racionalmente.

A técnica da alteração impede esse escutar e consequentemente entender. Mantém-nos no tagarelar, transforma o mundo em um lugar ruidoso, maquinal, ao mesmo tempo nos transforma em navegadores ignorantes em nossas próprias existências. O impedimento do ensimesmamento ocasionado por tal técnica, impulsionado pela difusão desenfreada e hiperbólica dos aparelhos *smartphones*, é responsável pela configuração de uma sociedade alterada. A sociedade do cansaço de Byung-Chul Han é uma consequência, não somente do imperativo de autoexploração neoliberal de produtividade que impulsiona um modelo de capitalismo totalitário parasitário, mas também de uma técnica que se mostra como motor do sistema vigente, atualizando e definindo seu novo modo de atuar sobre as pessoas. Os humanos, agora, são o novo nicho de mercado: reificação, alienação e manipulação formam a trindade de um novo deus tecnológico reverso, que tem o poder de animalizar um ser humano civilizado.

A recusa ao silêncio, sintoma muito característico de nossa patologia existencial contemporânea, não é fruto apenas da técnica da alteração. Esta corrobora a tendência em fugir de si mesmo, muito comum aos seres humanos. Ser tragado pela técnica da alteração é algo facilitado por tal tendência, a tendência em fugir do ensimesmamento, pois ali, em nossa interioridade, teríamos um encontro com nossa autenticidade. Essa recusa ao silêncio seria uma

“descarada tentativa do nosso inconsciente para evitar o encontro com a autenticidade descoberta na interioridade profunda do ser. Este encontro dá-se apenas quando pensamos, em solidão” (Amaral, 2019, p. 10).

Uma das consequências da recusa do silêncio é não sabermos mais como calar diante da circunstância, perdendo assim parte do que somos. Calar-se diante do mundo ocorre na contemplação, pois desse modo deixamos que a circunstância se apresente. Por isso, o silêncio “nos alfabetiza”, “[...] concedendo-nos o acesso à compreensão de nós mesmos e dos outros povos” (Amaral, 2019, p. 07). O silêncio proporciona o ensimesmar, ao mesmo tempo que o ensimesmar é silenciar virtualmente o mundo e escutar o que se passa dentro de nós.

4 POSSÍVEL RETORNO: O TEMPO DA ARTE E DA FESTA

O tempo imposto pela técnica da alteração é um tempo acelerado e fragmentado, em prol da tríade que forma a base da existência humana contemporânea: trabalho, acumulação e consumo.

Todavia, a história do pensamento humano pode nos ensinar que seja possível uma saída para essa alteração que a técnica vigente nos impõe. Pensamos aqui que um outro tempo, antagônico ao tempo desta técnica, um tempo desacelerado e não fragmentado, possa ser uma possível saída a essa existência alterada.

Em seu ensaio *A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo e festa*, Gadamer (1985) nos mostra certas características da arte que possam nos tirar da alteração tecnológica, características estas que demandam desaceleração e contemplação. Gadamer reflete sobre a arte, a festa, a celebração, afirmando que a obra artística exige a construção de um jogo reflexivo. Ao abordarmos uma obra artística, esta nos exige uma reflexão, o que também nos exigiria contemplação e ensimesmamento. Ademais, “a obra nos fala como obra e não como transmissor de uma mensagem” (Gadamer, 1985, p. 52). Tem sua própria maneira de nos abordar, independentemente de nossos ânimos, aflições ou expectativas; nos impõe um silêncio, no qual escutamos o que a obra nos tem a dizer.

O que está na obra de arte, diz Gadamer (1985, p. 57), “aquilo que nela vem à representação”, nos move a estar de acordo com ela, a permanecer nela. Isso faz com que nos inclinemos ao que a obra nos quer comunicar, fazendo com que permaneçamos ali, pois somente assim é possível “aprender a ouvir o que se quer falar na arte”.

A apreciação de uma obra artística demanda de nós um silêncio, pois somente em silêncio podemos ouvir o que nos fala a obra que está diante de nós. No encontro com uma obra de arte, nos abrimos a ela, porque ela nos “fulmina” com sua presença (Gadamer, 1985, p. 62). A arte nos convoca ao silêncio, pois em sua presença somente ela deve falar. Demorar-se na arte nos leva ao ensimesmamento, para que posteriormente possamos refletir e entender o que dela nos vem.

Para Gadamer, tanto a festa quanto a arte possuem sua própria estrutura temporal. Sobre tal questão, alguns autores afirmam que

Em seu modo de ser interativo e buscando sempre a participação do outro, a arte também se manifesta como festa, como uma atitude de celebração. O acontecimento da festa sempre exige uma celebração coletiva a ser vivida por aqueles que dela participam e comemoram, por vezes, um acontecimento passado, porém em um tempo presente e *sui generis* (Pegado; Silva Júnior, 2023, p. 51).

Assim como a festa, a arte não recai sobre a estrutura temporal como a do trabalho e da técnica. Ela, a arte, possui um outro tempo, o que Gadamer chama de tempo próprio. E, como a arte, por sua característica de festividade, dá o tempo e exige que participemos, nos obriga a um “demorar-se” (Gadamer, 1985, p. 65).

Interessante notar que a arte, e a festa, dão seu próprio tempo, nos envolvem em sua estrutura temporal. Isso faz com que a estrutura do tempo da técnica da alteração, que nos envolve cotidianamente, seja anulada. A obra de arte, nos mostra Gadamer, não é estruturada por uma duração calculável, mas sim por sua própria estrutura temporal.

5 ENCAPSULAMENTO POR UMA ARTE ATMOSFÉRICA: SOBRE O DIFUSO E O QUIETO

É importante destacarmos algumas observações feitas por Ortega y Gasset em seu ensaio “Ideas sobre la novela”⁵. O autor aborda dois conceitos importantes para o assunto que propomos aqui: os conceitos “atmosférico” e “*apueblar*”⁶.

Em sua análise sobre a novela, Ortega y Gasset (2019, p. 94) afirma que “o atmosférico é algo difuso e quieto”, e que uma arte como tal “nos convida simplesmente à sua contemplação”.

⁵ Todas as citações referentes a este ensaio foram extraídas e traduzidas do livro: Ortega y Gasset, J. *La deshumanización del arte e ideas sobre la novela*. Madrid: Alianza, 2019.

⁶ A palavra “*apueblar*” faz referência a “pueblo” (Pueblo, c2023).

O atmosférico nos leva à frieza, no sentido de um distanciamento reflexivo em relação ao objeto estético. Estas são as condições necessárias, segundo Ortega y Gasset (2019, p. 86), à contemplação. Portanto, ao nos depararmos com uma obra de arte atmosférica, somos convidados à contemplação.

Para que haja entendimento, deve, necessariamente, haver contemplação, pois “somente se entende o que são as coisas na medida em que as contemplamos” (Ortega y Gasset, 2019, p. 96). Uma arte que nos leva à contemplação, portanto, faz possível a compreensão do que contemplamos. Não somente do objeto artístico em si, mas também daquilo que o objeto artístico “transparece” (Ortega y Gasset, 2019, p. 26-27). Portanto, a obra que seja atmosférica também se torna uma abertura ao entendimento do que nela se re-apresenta.

Para que tal arte consiga esse feito, é necessário que nos *encapsule* e nos isole do ambiente real no qual vivemos. Ela deve isolar seu espectador de seu “horizonte real e aprisioná-lo em um pequeno horizonte hermético e imaginário”, ou seja, deve “*apueblarlo*”, colocá-lo no povoado ou círculo imaginário da obra artística. Quando lemos o capítulo VII de *Dom Quixote*, suas aventuras com os moinhos de vento, Cervantes nos coloca em La Mancha do século VII, proporcionando uma espécie de vivência imaginária junto a um impulsivo fidalgo, entediado com sua vida provinciana e sem propósito, que inspirado por livros de cavalaria, se aventura pelo território manchego em busca de aventuras.

Assim, Ortega y Gasset nos mostra que a arte em questão, a novela, deve fechar o leitor em um universo hermético, nas tramas, vidas e cotidianidade dos personagens e acontecimentos. Fechar o leitor no “pueblo”, no povoado e fazer dele um “provinciano transitório” tragado pelo objeto estético (Ortega y Gasset, 2019, p. 104). Este, segundo o autor, é o grande segredo do romancista e, aqui adicionamos, também dos grandes cineastas, escultores, músicos e diretores de teatros, o de encapsular e transformar aquele que aprecia o objeto estético em um provinciano do “povoado” da obra de arte.

CONCLUSÃO

A relação de alteração que temos com a técnica atual, a qual define este quarto estágio da técnica no qual vivemos, pode ser neutralizada por uma vivência mais estetizada, que nos levaria frequentemente à contemplação em uma vida mais serena, mais ensimesmada, para dotar aqui um tom mais orteguiano à nossa existência. Uma existência como tal nos possibilitaria um retorno da capacidade de escutar aquele silêncio que nos alfabetiza, pois

proporciona a anulação do ruído vigente neste mundo maquinal-digital. Tal silêncio nos traria as palavras das coisas, que somente as recebemos quando estamos em silêncio.

A arte, como celebração, tem seu tempo próprio e nos convoca ao seu termo, anulando o tempo da técnica da alteração. A arte tem a capacidade de nos encapsular, nos “apueblar” e nos transformar em um “provinciano transitório”, possibilitando uma saída da alteração tecnológica, alteração esta a qual caracteriza nossa existência neste quarto estágio da técnica.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. **Ecos do silêncio**. Lisboa: Lusosofia, 2019. Disponível em: www.lusosofia.net/textos/20190514-amaral_margarida_2019_ecos_silencio.pdf
- GADAMER, H. G. **A atualidade do belo**: arte como jogo, símbolo e festa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- GONZÁLEZ-SAINZ, J. Á. **La vida pequeña**: el arte de la fuga. Barcelona: Anagrama, 2021.
- LANIER, J. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- MAGALHÃES, C. K.; SILVA, F. A. DA; CALDEIRA, G. A circunstância em José Ortega y Gasset: aproximações ao inconsciente junguiano. **Psicologia USP**, v. 29, n. 1, p. 58-66, jan. 2018.
- ORTEGA Y GASSET, J. **La deshumanización del arte e Ideas sobre la novela (y otros ensayos)**. Madrid, Alianza, 2019.
- ORTEGA Y GASSET, J. **Meditación de la técnica**. Madrid: Santillana, 1997.
- ORTEGA Y GASSET, J. **O homem e a gente (inter-comunicação humana)**. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1973.
- PEGADO, Antônio; SILVA JÚNIOR, Almir Ferreira da. A declaração da arte como experiência de verdade em Gadamer. **Cadernos do PET Filosofia**, Teresina, v. 13, n. 25, p. 42-59, nov. 30, 2022. DOI: 10.26694/cadpetfilo.v13i25.3294. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/3294>. Acesso em: 1 out. 2023.
- PUEBLO. *In*: Diccionario de la lengua española. Edición del tricentenário. Real Academia Española., c2023. Disponível em: <https://dle.rae.es/pueblo?m=form>. Acesso em: 3 out. 2023.
- RODRÍGUEZ-ORTEGA, N. Tecnologías humano-centradas, y el porqué de Ortega. **Revista Eviterna**, [s. l.], n. 9, p. 180–194, 2021. DOI: 10.24310/Eviternare.vi9.12208. Disponível em: <https://revistas.uma.es/index.php/eviterna/article/view/12208>. Acesso em: 12 oct. 2023.